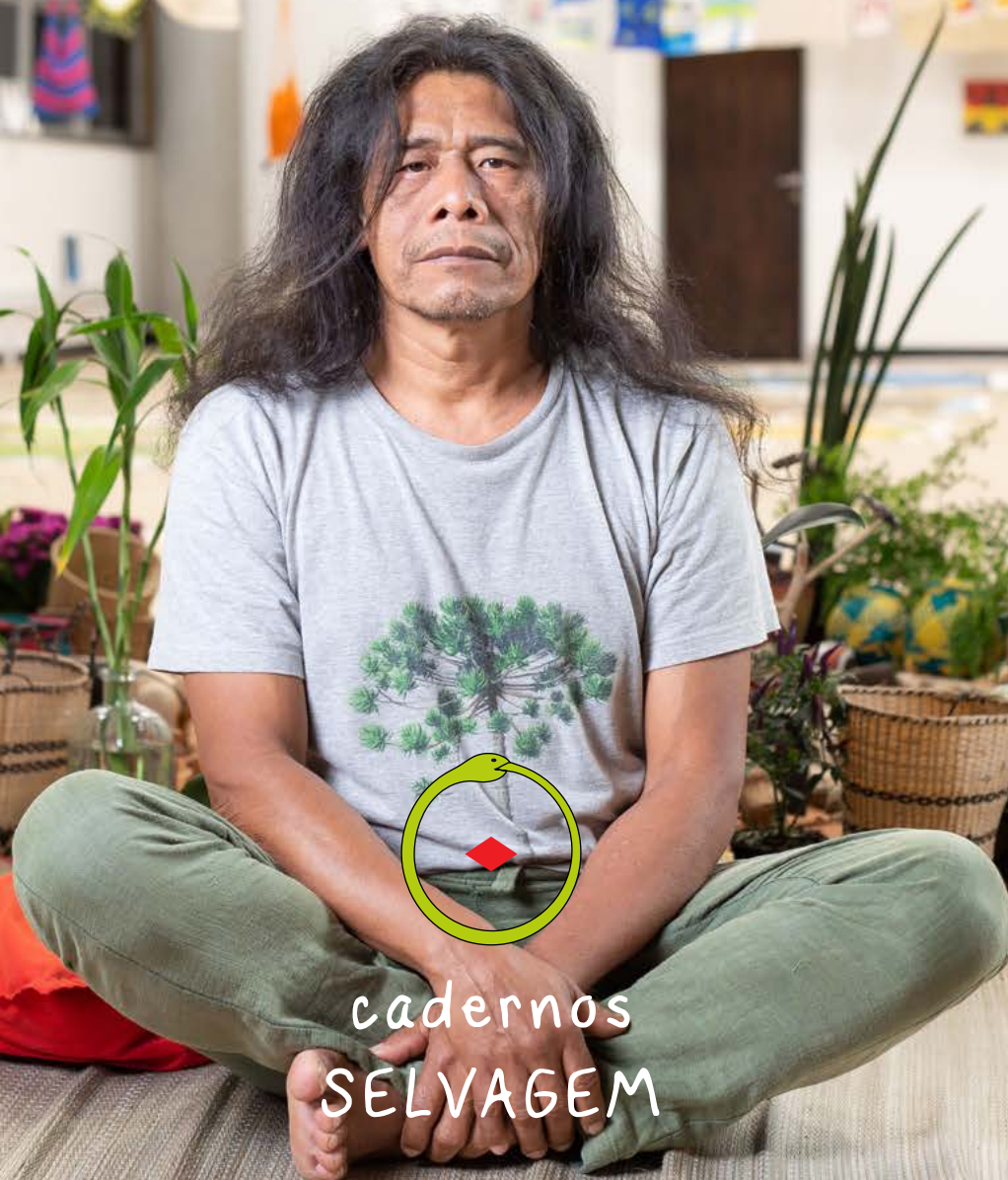
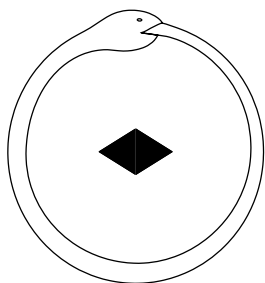


CASA ESCOLA VIVA • GUARANI

Carlos Papá



cadernos
SELVAGEM



CASA ESCOLA VIVA • GUARANI

Carlos Papá

O texto deste caderno é a transcrição do depoimento de Carlos Papá durante a [residência Casa Escola Viva](#), que aconteceu entre os dias 13 e 24 de outubro de 2025. A residência reuniu artistas das 5 Escolas Vivas no Bloco Escola do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), localizado às margens da Baía de Guanabara. **Assista ao depoimento em vídeo [aqui](#).**

Com o intuito de animar artistas a dialogarem com o mundo de fora dos territórios, enquanto desenharam, pintaram, experimentaram, trocaram e aprofundaram conhecimentos de suas culturas, Casa Escola Viva foi uma extensão do projeto das Escolas Vivas. Ao final do processo, a residência abriu suas portas para visitação do público.

A residência foi também um desdobramento da primeira edição da [exposição Viva Viva Escola Viva](#), que aconteceu na Casa Brasil, entre 2 de dezembro de 2023 e 28 de janeiro de 2024. Parte dos trabalhos desenvolvidos durante a imersão Casa Escola Viva, integram a [segunda edição da exposição](#), em cartaz entre 10 de junho e 09 de agosto de 2026 no Instituto Tomie Ohtake, em São Paulo.

Carlos Papá é coordenador e artista da [Escola Viva Guarani, Arandu Porã](#). Nela, os jovens começaram a despertar suas memórias adormecidas. Práticas ancestrais estão em diálogo com técnicas de agrofloresta e cultivo de abelhas. Neste território, onde a língua *Guarani Mbya* é dominante, crianças e jovens encontram na Escola Viva um lugar para conhecer as histórias de seu povo e praticar sua arte e ciência.

Convidamos a conhecer e apoiar o movimento [Escolas Vivas](#) pelo nosso site.



“Nós não chamamos de ‘arte’, nós chamamos de ‘brincar’, que é ‘mbavyky’.

É algo que você mexe, que você toca, que você sente; essa energia que se transforma, essa energia que você traz, essa energia que você troca com o seu pensamento, com as suas transformações. O corpo se torna quente, o corpo se move, e a nossa mão é algo que tem uma flor. E a flor gera semente.”

Fala de Carlos Papá no filme [*Nossa mão é uma flor*](#) sobre a residência Casa Escola Viva.

Sou Carlos Papá. Sou do povo **Guarani Mbya**, coordenador da Escola Viva na minha aldeia chamada Rio Silveira, que fica nos municípios de São Sebastião e Bertioga (SP). Nós estamos aqui junto com os parentes para fazer a Escola Viva acontecer. No sentido de que a Escola Viva é um mensageiro, que traz, junto com nossos ancião e anciã. Falamos da importância da Escola Viva, porque esse modo, esse jeito de pensar, esse jeito de transmitir pro jovem não deve parar. Tem que continuar. E é por isso que existe esse pensamento com os parentes, para que a gente possa fortalecer a Escola Viva junto com a Selvagem. Vejo que essa forma de caminhar, essa forma de sentir o mundo e ver o mundo, ver a natureza, ver o tempo é fundamental pra vida. A gente estamos buscando o jeito de viver com tranquilidade.

Então entramos na questão da arte. A arte representa a expressão de cada pessoa envolvida; traz essa importância, de que essa forma de expressão, brincar, fazer, é também uma maneira de trazer essa experiência na vida, que se torna no sentido de “o bem viver”. O bem viver é essa forma de pensar, essa forma de fazer acontecer. O bem viver é de andar. O bem viver é de escutar. O bem viver é também de sentir. Nesse sentido é que a Escola Viva vem caminhando. A importância de ler os códigos do tempo, o código do som, o código do pássaro, e o código quando você vê no chão as formigas, os insetos ou as borboletas. À noite, vagalumes, morcego.

Esses são os mensageiros do tempo. Se você parar para poder escutar e ter essa abertura, com isso você vai aprender a viver mais tranquilo, porque o tempo gera o seu tempo. A gente vem praticando de falar o bem viver, a importância da Escola Viva quando se aprende a viver bem e a pedir licença ao lugar que você está. Também falamos da importância da Escola Viva, que traz o caminhar, de sentir nosso próprio som do nosso pisar. Sentir as folhas caindo, sentir aromas, que plantas estão trazendo esses aromas. Eu vejo que a humanidade já perdeu essa forma de viver. A Escola Viva traz essa forma de pensar, viver com ela. Quando se traz esse pensamento, que a gente ouve muito por aí, dizendo: “Vamos buscar a paz e vamos buscar a felicidade”. Só que o humano não sabe o que é felicidade e nem mesmo a paz.

A paz existe no dia a dia, quando se caminha, quando você sente o chão, quando você sente o aroma natural, o vento, o som do pássaro. E sentir a vida fluir, essa vida pulsar, o coração batendo e o sangue circulando o nosso corpo. Sentir isso e viver aquilo. No momento que se percebe que seu corpo é importante, a sua vida é importante, você vive melhor. E a felicidade é se contentar com a vida, que você respira, que você está com saúde. Você está sentindo sede e a fome, e, na hora que você sentir a sede, tem água correndo. Você vai lá, toma água da fonte. Quando você tiver fome, está lá a fruta, pega lá frutas e come. Isso é uma maneira de ser feliz, mais do que se preocupar em contar o dinheiro, se vai dar pra comprar uma maçã, uma banana. Ter que contar o dinheiro, se dá pra comprar. Então, se não conseguir esse valor, a pessoa fica triste porque não consegue.

A humanidade perdeu esse jeito de viver feliz, porque o sistema colocou esse jeito de viver feliz, quando a mídia opõe que, pra ser feliz, ter paz, e a tranquilidade, é tendo coisas. Para ter coisas, precisa trabalhar muito e conquistar as coisas pra você adquirir. O que, na real, mesmo que você trabalhar muito, tendo coisa e adquirir, mesmo assim você não consegue ser feliz, você fica preso cada vez mais com uma fome de ser feliz. E onde você encontra essa anemia, chamada anemia do espírito. Porque você só vive pra isso, e gera a doença e a preocupação. Sem dor-

mir direito, você é preso nesse mundo. Você acredita que a paz e a felicidade está nesse mundo que você imagina. E a Escola Viva não traz isso.

A Escola Viva pratica. Vamos viver, andar, sentir, pisar no chão, sentir a terra, sentir o barro, sentir a água, sentir o seu redor. Ouvir o som de cada fala de parente, cada fala dos irmão, das irmã. São coisas naturais que vêm a implementar no seu dia a dia. A Escola Viva vem nesse sentido. Já vem há muitos anos. As Escolas Vivas são milenar, mas nós estamos colocando isso em prática hoje. Para a sociedade isso seria novo, mas, para a gente, já vem de gerações e gerações. E é por isso que a Escola Viva é importante, e quem está segurando a Escola Viva é o próprio indígena, caminhando nesse sentido de que essa forma de pensar tem que ser valorizada de forma tranquila e respeitosa.

Tem uma pintura que eu terminei hoje. Já faz uma semana que eu vinha trabalhando. Essa pintura chama-se **Teko Porã**¹. É um sonho. Se sentir criança de novo. Essa pintura, essa obra, representa **Teko Porã**, que chama “o bem viver”. Você percebe que tem várias coisas, tem muitas montanhas, muita água, muito ser, muita energia. Seria um olhar de uma criança. Eu voltei a ser criança de novo, querendo me dizer que isso é uma forma de viver bem e ter uma conexão maior com todo o lugar que você vive. Representa o **Teko Porã**, que é o bem viver.

1. Para a exposição Viva Viva Escola Viva, realizada no Instituto Tomie Ohtake entre junho e agosto de 2026, Carlos Papá renomeou essa tela como **Koa'e ma xerete** [Meu corpo é esse].



Koa'e ma xerete, Carlos Papá

Carlos Papá Mirim Poty é artista, cineasta e líder espiritual de sua comunidade. Atua há mais de 25 anos com audiovisual, documentários, filmes e oficinas culturais para os jovens. Foi representante da Comissão *Guarani Yvy Rupa* de 2019 a 2022, é fundador do Instituto Maracá e membro do Conselho *Aty Mirim* do Museu das Culturas Indígenas de São Paulo. Atua como colaborador da *Selvagem* e é coordenador da *Escola Viva Guarani*, o Ponto de Cultura *Arandu Porã*. Vive na Terra Indígena Ribeirão Silveira, localizada na divisa dos municípios de Bertioga e São Sebastião, no estado de São Paulo, com sua companheira, Cristine Takuá, e seus filhos Djeguaká e Kauê.

FOTOS

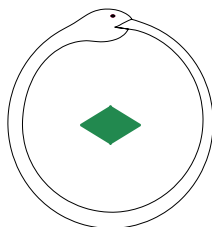
Capa e página 3 - Caleidoskópica / Elea Mercurio

Página 6 - Madeleine Deschamps



RESIDÊNCIA CASA ESCOLA VIVA
MAM Rio, outubro de 2025

Realização



SELVAGEM

Parceria



Museu de Arte Moderna
Rio de Janeiro



INSTITUTO TOMIE OHTAKE

Apoio



AMBASSADE
DE FRANCE
AU BRÉSIL

*Liberté
Égalité
Fraternité*

Toda a realização dos Cadernos Selvagem é da equipe Selvagem, com coordenação editorial de Anna Dantes. Este caderno e muitos outros estão disponíveis no site Selvagem em português e várias outras línguas. Mais informações em selvagemciclo.org.br.

Tudo que Selvagem cria é para ser compartilhado gratuitamente. Você pode usar livremente esse material, em parte ou na íntegra, desde que dê créditos à Associação Selvagem e mantenha o acesso gratuito. Para permissões adicionais, escreva para contato@selvagemciclo.org.br.

Gostamos muito de acompanhar a circulação dos materiais Selvagem pelo mundo e, por isso, se usar esse material de alguma forma, convidamos também a compartilhar registros pelo e-mail acima.

Se você deseja retribuir, convidamos a apoiar financeiramente as Escolas Vivas, uma rede de 5 centros de formação para a transmissão de cultura e conhecimentos indígenas: selvagemciclo.org.br/apoie.

Agradecemos!